

BEM VIVER, DECOLONIALIDADE E BIOÉTICA DISCUSSÕES, CONTRIBUIÇÕES E ARTICULAÇÕES¹

*Buen Vivir, Decolonialidad y Bioética.
Discusiones, aportes y articulaciones*

Leandro SALAMANCA LÓPEZ
Corporación Universitaria Minuto de Dios
hleontes@gmail.com

Tradução de Martha Lucía PEÑA PEÑA
Universidade Federal do Paraná
marthalupe11@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9035-7198>

RESUMO: A presente reflexão pretende mostrar como o projeto de decolonialidade, a proposta do Bem Viver e a Bioética contribuem de maneira significativa para a resolução de problemas atuais advindos do projeto da Modernidade, como por exemplo, as relações de poder, a pobreza, a deterioração ambiental, o consumo, o sentido de comunidade, a luta pela sobrevivência e outros aspectos de igual ou maior relevância. Os problemas mencionados podem ser articulados e projetados de maneira dialógica e complementar desde as perspectivas e contribuições dessas três áreas. O artigo está dividido em três seções. Em primeiro lugar, apresenta-se uma descrição de algumas críticas ao modelo modernidade/colonialidade. Logo, menciona-se o significado e as possibilidades que oferece o Bem Viver. Por último, se estabelecem alguns pontos de encontro entre as perspectivas do projeto decolonial, o “Bem Viver” e a Bioética.

PALAVRAS-CHAVE: Bem viver; Bioética; Capitalismo; Decolonialidade.

RESUMEN: Esta reflexión quiere mostrar cómo el proyecto de decolonialidad, la propuesta del Buen Vivir y la Bioética hacen aportes importantes a problemas actuales provenientes del proyecto de la Modernidad, como por ejemplo, las relaciones de poder, la pobreza, el deterioro ambiental, el consumo, el sentido de comunidad, la lucha por la supervivencia y otros de igual o mayor relevancia. Dichos problemas se pueden articular y proyectar de manera dialógica y complementaria desde las perspectivas y aportes de estos tres campos. El artículo está dividido en tres apartados. En primer lugar, se presenta una descripción de algunas críticas al modelo modernidad/colo-

¹ Publicação original: LÓPEZ, Leandro Salamanca. *Buen Vivir, Decolonialidad y Bioética. Discusiones, aportes y articulaciones*. *Revista Polisemia*, Bogotá, n.17, p.86-93, janeiro-junho, 2014.

nialidad. A continuación, se hace alusión al sentido y a las posibilidades que ofrece el “Buen Vivir”. Por último, se establecen algunos puntos de encuentro entre las perspectivas del proyecto decolonial, el “Buen Vivir” y la Bioética.

PALABRAS-CLAVE: Bioética; Buen vivir; Capitalismo; Decolonialidad.

Desde o processo de colonização, a América Latina tem sofrido a imposição de uma forma de poder, saber e ser que se apresenta como única e hegemônica: a Modernidade, gerando a subestimação de saberes e formas de ser das culturas ancestrais presentes nessa região. Das formas de poder, o capitalismo se torna um modelo (econômico, cultural e social) que assume as premissas do *consumo* e do *viver melhor*² como inerentes à felicidade, assim o ser humano alcança a felicidade sempre que se aplique a sentença: desenvolvimento/consumo/ter mais/viver melhor.

Não obstante, poderia afirmar, desde discussões contemporâneas, que as promessas da Modernidade se têm visto fortemente questionadas, inclusive há quem afirme que as promessas não chegaram a um final feliz. Por exemplo, a hegemonia da razão para a organização do mundo, ainda no âmbito moral, foi um navio que naufragou na II Guerra Mundial. O capitalismo não eliminou, nem sequer mitigou, a pobreza, pelo contrário: tem aumentando de tal maneira que uma multidão de movimentos na Espanha, Estados Unidos e Grécia tem tomado posse de novas lutas, devido à desigualdade social presente inclusive nesses territórios considerados desenvolvidos. Por outra parte, desde “o Sul” estamos notando que a sabedoria que vem de nossa história ancestral é tão profunda que tem um valor no qual se apoiam “outras possibilidades” de resgatar o pouco que resta do sentido de território, de cultura, de comunidade, de natureza e da vida em geral. Nessa mesma discussão se encontra a Bioética, que desde sua origem questiona o valor da vida em relação aos avanços da ciência e da tecnologia.

CRÍTICAS AO MODELO MODERNIDADE/DESENVOLVIMENTO/GLOBALIZAÇÃO

Devido à amplitude e diversidade do grupo de autores que tem trabalhado na proposta decolonial (decolonialidade ou descolonialidade) e à complexidade desses

² O desenvolvimento como imposição da Modernidade ao Terceiro Mundo tem sido vendido como um projeto de felicidade absolutamente necessário, consistindo em promover o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico, para isso é fundamental a industrialização e a produção em massa, já que a sua finalidade é o consumo. A tudo isso se refere a ideia de viver melhor em oposição à proposta do Bem Viver.

conceitos, no presente artigo se apresentam alguns conceitos centrais sobre a proposta mencionada, com o fim de guiar o leitor na crítica ao modelo modernidade/colonialidade, aqui apresentada, que permita descobrir elementos fundamentais na perspectiva da bioética sobre alternativas éticas em relação aos contatos estabelecidos entre os sujeitos e a biosfera, a constituição de subjetividades, a produção de conhecimento e saberes, e o modelo econômico, social e cultural hegemônico vigente em nossas sociedades ocidentais.

Neste sentido, o que se entenderia por colonialidade? Pois bem, entenderemos colonialidade como todas as formas de poder exercidas pela Europa e pelos Estados Unidos e desde a colonização, quer dizer, os chamados países imperialistas e posteriormente a globalização, sobre os povos colonizados.

A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial sob o conceito de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, pois, origem e caráter colonial, mas tem provado ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido (QUIJANO, 2000, p. 1).

Da mesma maneira, entenderemos decolonialidade como os exercícios teóricos e lutas dos povos colonizados para organizar resistências ou liberar-se dessas formas de poder. Formas de poder que podem ser concebidas desde três paradigmas: a colonialidade do poder, a colonialidade do saber e a colonialidade do ser (QUIJANO, 2000).

A COLONIALIDADE DO PODER

Desde a colonização/invasão da América Latina, as nações europeias³, além de lograr crescer economicamente ao usurpar terras e riquezas, os europeus-cristãos consideraram aqueles habitantes originários inferiores e necessitados de que suas crenças, seu corpo e suas tradições fossem reconduzidas através da escravidão e da cristianização. Desde aquele momento até os nossos dias, tem-se instalado um tipo de poder sobre as populações colonizadas, algumas vezes visíveis e, outras, exercidas de maneira sutil e

³ É importante ressaltar que o mesmo exercício de poder colonial se aplica em muitas regiões da Ásia e da África, além de outras regiões que sofreram processos de conquista similares.

pouco perceptível. A implantação desse poder reflete-se principalmente nas políticas e ações das grandes potências, dos governos sobre populações e sobre os sujeitos (FOUCAULT, 1986), e do mercado (economia globalizada, multinacionais, indústrias farmacêuticas).

A COLONIALIDADE DO SABER

Desde a colonização dos povos latino-americanos houve uma recusa em se aceitar que o seu saber fosse conhecimento verdadeiro, num princípio, por ser diferente, por não conhecer o cristianismo, a língua e os costumes dos colonizadores. Posteriormente, porque se quis entender que esse conhecimento carecia do caráter e do rigor próprios do método científico. Necessariamente, essa colonialidade do saber relaciona-se e é consequência da colonialidade do poder, de tal maneira, negar esses saberes é aprofundar a capacidade de exercer poder sobre os povos e validar o conhecimento moderno como único.

Na atualidade, muitos dos saberes e métodos dos povos da América Latina não têm um estatuto epistemológico validado, a produção acadêmica se vê limitada aos parâmetros estabelecidos pelo Primeiro Mundo, temas como as tradições e as práticas das comunidades indígenas ou camponesas, que possuem riquezas culturais e sociais imensas ou trabalhos de sistematização que evidenciem problemáticas sociais são vistos com suspeita e receio por aqueles que estão interessados no desenvolvimento científico e tecnológico. Para eles, esses estudos e reflexões simplesmente não fazem sentido, não são funcionais porque “não dão dinheiro”, não promovem o desenvolvimento e não aplicam o modelo neoliberal.

Outro exemplo da colonialidade do saber pode ser visto nas políticas educativas de alguns países do sul, pois são cópias das políticas educativas europeias e estadunidenses, o importante é a competitividade, a produção e a “educação para o trabalho”, quer dizer, para que os latinos se configurem como a mão de obra dos países “desenvolvidos” (CASTRO-GOMEZ, 2007). Assim, com as possibilidades limitadas nos países da América Latina de se chegar à educação superior, somente as elites conseguem alcançar as profissões que o mercado determina como de “alto nível”. Não obstante, embora aparentemente os países imperialistas não validem o conhecimento latino-americano, a realidade é que se tem apropriado de muitos de seus saberes e práticas, a tal ponto que as indústrias farmacêuticas no seu império econômico usurpam da sabedoria oriental e dos povos indígenas, as plantas medicinais e outras medicinas alternativas para patenteá-las e, posteriormente, cobrar-lhes por seu uso.

A COLONIALIDADE DO SER

Desde que os países europeus começaram a explorar o território⁴ americano se tem tentado apagar suas identidades: religiosidade, cultura, espiritualidade, em última instância, suas maneiras de ser no mundo. A tentativa de subvalorizar e subordinar a espiritualidade ancestral se traduz numa catequese imposta já que os deuses indígenas foram vistos como falsas deidades, seus costumes foram vistos como próprios de seres não racionais e até sua música não era reconhecida como tal, mas sim como *folklore*; do mesmo modo, sua arte, suas maneiras de entender o mundo, a natureza e o homem, a tal ponto que até o dia de hoje suas bebidas alcoólicas e muitos de seus produtos agrícolas não podem ser comercializados, pois não cumprem com os padrões bioquímicos, estéticos ou de qualidade esperados pelo mercado.

Em última instância, as formas de poder que emergem desde a colonização e a conquista foram se consolidando e reproduzindo de forma especializada, de tal maneira que aos povos conquistados se tem vendido um projeto colonialidade/modernidade/desenvolvimento, no qual só é valido o modo de ser europeu ou estadunidense, orientado pelo mercado, no qual, não consumir é *contra natura*, pensar uma vida longe dos bens de consumo é coisa de índios, de indígenas, ou de negros, não pensar ou viver sob o modelo de “desenvolvimento ocidental” é totalmente incoerente. Em busca de resistência a esse modelo surge o projeto decolonial com propostas contra o modelo de desenvolvimento em vigor, ressignificando e valorizando o modo de ser e pensar das culturas originárias dos povos colonizados.

BEM VIVER: PROPOSTAS LATINO-AMERICANAS CONTRA O MODELO DESENVOLVIMENTISTA

O conceito ou experiência do Bem Viver é de raiz indígena e está integrado às constituições do sul. No Equador, provém do quíchua *Sumak Kawsay*, e na Bolívia provém do Aymará *Suma Qamaña* (FARAH; VASAPOLLO, 2011). A determinação exata da origem do conceito Bem Viver que surge dos próprios movimentos indígenas é incerta. A seguir, apresento algumas aproximações.

⁴ A conotação de território é muito mais ampla e profunda que a conotação de terra. Com território se quer dar a entender um lugar onde não se pode compreender o sentido ou a existência mesma do homem e da comunidade desvinculada da terra e vice-versa. O espaço onde o homem habita, trabalha, come e pratica seus ritos é o mesmo homem, já que o ajudava a configurar-se como tal.

O *Sumak Kawsay* ou *Suma Qamaña* se apresenta em oposição à visão ocidental de “vida boa” que emerge das ideologias “bíblicas e aristotélicas” (WALSH, 2009, p. 224). No caso bíblico por considerar o ser humano como centro e superior aos outros seres vivos; no caso aristotélico, ao considerar que as reflexões em torno ao ser e ao valor do homem dependem da pólis onde é possível a civilização (o desenvolvimento no sentido ocidental), pois fora dela só há barbárie e urgência de civilização.

No livro *Vivir Bien. ¿Paradigma no capitalista?* (FARAH; VASAPOLLO, 2011) (*Bem Viver. Paradigma não capitalista?*, em tradução livre para o português), esse conceito ou experiência tem sido caracterizado como:

- Implica vida “doce”, boa convivência, acesso e deleite de bens materiais e imateriais;
- (Re)produção sob relações harmônicas entre pessoas, que se orienta à satisfação de necessidades humanas e naturais;
- Relações harmônicas entre pessoas e natureza e entre elas mesmas;
- Realização afetiva e espiritual das pessoas em associação familiar ou coletiva e em seu entorno social amplo;
- Reciprocidade nas relações de intercâmbio e gestão local da produção;
- Visão cosmocêntrica que abarca a todos os seres vivos que existem na natureza, e à natureza mesma (FARAH; VASAPOLLO, 2011, p. 21).

Para os autores de referência, o *Suma Qamaña* equivaleria a: viver em paz, viver bem, vida doce, conviver bem, criar a vida do mundo com carinho. Desse modo, a vida tem um sentido mais pleno como vida biológica, humana e espiritual. Além disso, “reclama um pensamento dialético: nem o desenvolvimento unívoco e linear da modernidade ocidental capitalista, nem o fundamentalismo indígena, e sim sua adaptação com base no respeito à natureza e às diferenças culturais com solidariedade humana” (FARAH; VASAPOLLO, 2011, p. 23).

Essa proposta se orienta a partir de quatro fundamentos que buscam o “bem comum da humanidade”:

- (i) Uso sustentável e responsável dos recursos naturais, sustentado nas capacidades humanas para construir e nutrir uma sociedade na lógica de conservação e renovação da natureza, (ii) privilégio do valor de uso sobre o valor de troca, para fortalecer vínculos sociais e um consumo relacionado às necessidades, (iii) ampliação da democracia em todas as relações e instituições sociais, e (iv) multiculturalidade que abra oportunidades a todos os conhecimentos que aportem à ética do bem comum (FARAH; VASAPOLLO, 2011, p. 24).

Como alternativa ao capitalismo, o Bem Viver valoriza as estratégias do desenvolvimento que incorporam a diversidade cultural para “crescer em humanidade” e apresenta propostas que defendem a subordinação da economia ao “desenvolvimento humano e cultural”, ao “desenvolvimento sustentável”, ao “eco-desenvolvimento” e a todas aquelas economias que procuram proteger a biosfera e a biodiversidade. Porém, questiona as ideias convencionais de “desenvolvimento”, uma vez que incorpora uma nova ética ambiental numa perspectiva biocêntrica.

Levando em consideração os problemas econômicos provocados na Bolívia e no Equador por uma economia baseada nos hidrocarbonetos, o Bem Viver, nesse caso representado pelo governo de Evo Morales, propõe acabar com a dualidade sociedade-natureza, reconhecendo a necessidade de regulamento do mercado e a possibilidade de pensar em economias alternativas às baseadas no extrativismo.

As novas constituições da Bolívia (artigo 8) e do Equador (artigos 14 e 313) incorporam o Bem Viver, da seguinte maneira:

O estado assume e promove como princípios ético-morais da sociedade plural: *ama qhilla, ama llulla, ama suwa* (não seja preguiçoso, não seja mentiroso, nem seja ladrão), *suma gamaña* (viver bem), *ñandereko* (vida harmoniosa), *tekokavi* (vida boa), *ivimaraei* (terra sem mau) e *ghapajñan* (caminho ou vida nobre) (CONSTITUCIÓN DE BOLIVIA, 2008).

Pois bem, mesmo que o Bem Viver seja um conceito em construção, pode-se observar que se baseia na defesa da vida em todas as suas dimensões, no sentido da Mãe-Terra, quer dizer, da natureza sagrada, e em reconhecer que o ser humano não se constitui como tal sem ser parte de uma comunidade, de um território e, muito menos, à margem da natureza.

VANTAGENS E DESVANTAGENS DO BEM VIVER COMO PROPOSTA ANTIDESENVOLVIMENTISTA E COMO PROPOSTA ANTICAPITALISTA

Como alternativa ao capitalismo, o Bem Viver dá valor à diversidade cultural para “crescer em humanidade”, dá valor às propostas que defendem subordinar a economia à natureza, impulsiona o desenvolvimento cultural e o pensamento ancestral, promove o desenvolvimento sustentável, ou, ainda melhor, o eco-desenvolvimento e todas aquelas economias que procuram proteger o meio ambiente e a biodiversidade. Assim, questiona

as ideias convencionais de desenvolvimento, pois incorpora uma nova ética ambiental numa perspectiva biocêntrica.

Revisando os textos e as propostas, encontram-se contradições já que se fala de não seguir a ideia de desenvolvimento, pois se reconhece como uma imposição da Modernidade para continuar inferiorizando costumes, saberes, práticas e modos de vida dos povos andinos, mas continua-se utilizando a linguagem e as práticas do desenvolvimento e as propostas econômicas capitalistas como a extração de minerais que vão contra o princípio do respeito à *pacha*.

COMO PROPOSTA DO MAS OU DE EVO MORALES

Desde a perspectiva do atual presidente e de seu movimento “socialista”, parece, em última instância, que o Bem Viver se converteu numa estratégia política, a melhor maneira de cativar os povos indígenas e camponeses. É possível afirmar que o MAS⁵ atribui um uso retórico ao Bem Viver, já que na prática e na atualidade, Evo Morales está demandado ante a organismos internacionais por práticas de tipo neoliberal, por continuar as concessões às multinacionais (canadenses, por exemplo) para a extração de minerais, por não manter as políticas plurinacionais devido a não prestar atenção às demandas de outros partidos ou às posições políticas das associações indígenas que não favorecem as suas práticas. Ele foi acusado de fascista e de propor um governo mononacionalista ao usar a violência policial para que suas decisões políticas fossem respeitadas⁶.

COMO IDEOLOGIA, PRÁTICA E LUTA INDÍGENA E CAMPONESA

Considero que as ideologias e práticas indígenas com relação ao Bem Viver, desde as comunidades originárias *Aymaras* e *Quechuas*, estão carregadas de uma filosofia ou, em termos indígenas, de uma *Pashasofia* (sabedoria da terra) de grande valor. O fato de reconhecer, como foi reconhecido pela ciência (algumas teorias da evolução), que viemos da terra ou, ainda melhor, que tudo quanto existe em nosso planeta pode ser concebido como “partículas das estrelas” é um convite importante para entrar em harmonia com tudo o que existe.

⁵ Movimento ao Socialismo, cujo líder principal é Evo Morales.

⁶ Neste website podem ser encontrados outros: <http://www.bolpress.com/art.php?Cod=2012060407> mais de 50 artigos referentes às práticas capitalistas, extrativistas, contrárias ao Bem Viver e denúncias de vários grupos ao governo de Evo Morales. Num dos artigos, mais de 100 instituições exigem que o governo de Morales não anule salvo-condutos ambientais procurando favorecer o projeto de lei de mineração.

Ao mesmo tempo, o reconhecer, como o fazem essas tradições ancestrais, que o homem é um dos últimos seres a habitar a terra, deveria por a humanidade, se não em condição de subordinação, em igualdade ao cosmos, ao mesmo tempo em que é um ponto chave para poder compreender a necessidade de buscar formas alternativas de correlação e complementação entre a natureza e a vida em geral.

As ideias do Bem Viver em torno aos valores expostos nas constituições (não roubar, não ser preguiçoso) e as relacionadas à identidade, ao valor do trabalho, à dança, à comunidade (*Abyayala*) e, sobretudo, à harmonia entre o homem, a mulher, a natureza, o espiritual, a biosfera são, desde meu ponto de vista, cosmologias ou cosmosofias que, aprofundadas e levadas a bom fim, poderiam ajudar-nos a recuperar nossa identidade, a vida e a forma de nos relacionarmos com a natureza. Dessa maneira, poderíamos chegar a concebê-las como propostas decoloniais e como possíveis alternativas à Modernidade.

CONCLUINDO: ARTICULAÇÕES ENTRE O PROJETO DECOLONIAL, O BEM VIVER E A BIOÉTICA

Desde o nascimento da Bioética permanece latente uma preocupação pela necessidade de avaliar eticamente as exigências das ciências da vida, principalmente nos avanços biomédicos e biotecnológicos (HOTTOIS, 2007). Desde as culturas ancestrais indígenas latino-americanas, a *techné* tem sido considerada um exercício fundamental do ser humano para seu bem-estar, a serviço da comunidade e sem desvalorizar o sujeito; mas nas mãos do mercado, foi entendida como consumo, desenvolvimento ou felicidade no ter.

As construções bioéticas se baseiam na medicina, nas ciências da vida e, posteriormente, na filosofia e nas humanidades. A proposta deste artigo consiste em pôr em diálogo algumas perspectivas da bioética para complementar as abordagens do Bem Viver (que acolhe experiências dos povos ancestrais) e o projeto decolonial.

Note-se que um bom número de bioeticistas foi formado a partir da imposição do pensamento desenvolvimentista/moderno, no entanto, as possibilidades que surgem do pensamento ancestral de nossos povos podem ser uma base importante para as discussões dos novos desafios advindos das novas tecnologias, do mercado e do poder.

Os pilares das propostas do Bem Viver no Equador e na Bolívia seriam com facilidade pilares para uma grande variedade de discussões bioéticas significativas em nossos dias:

- Priorizar a vida e recuperar o equilíbrio com a natureza. Dar prioridade à natureza antes da humanidade, ou pelo menos buscar um equilíbrio;

- Aceitar, respeitar e incorporar as diferenças: chegar a acordos de consenso, viver em complementariedade, saber comunicar-se;
- Defender e recuperar a identidade;
- Chegar perto do Bem Viver e se afastar do “imperativo mercantil” do puro consumismo gerado pelo capitalismo;
- Saber dançar, saber trabalhar, retomar o *Abya Yala*: pensar as regiões como uma grande comunidade, reincorporar a agricultura das comunidades, proteger as sementes, respeitar a mulher, e recuperar os recursos dos países (FARAH; VASAPOLLO, 2011, p. 359-362).

Essa proposta da Bioética, relacionada à perspectiva decolonial e o Bem Viver, aponta para a necessidade de reconhecer as tradições culturais como parte dos povos da América Latina que não foram levadas em consideração e foram desprezadas. A maior parte de nossos governos segue o modelo neoliberal, que obedece às normas do mercado e persiste em privatizar tudo o que é público. Dessa maneira, enquanto em alguns países da América Latina se compreendeu que é fundamental fortalecer as economias internas antes de abrir-se ao mercado global, outros insistem⁷ na constituição de novos tratados de livre comércio com grandes impérios econômicos, sem a devida proteção dos mercados nacionais, e fazendo concessões a multinacionais para a exploração dos recursos naturais, sob a lógica da extração.

Em relação a isso, o projeto decolonial vem se desenvolvendo como uma escola de teoria crítica latino-americana, permitindo o empoderamento dos sujeitos para pensar ética e politicamente e responder alternativamente à lógica dos Estados e do mercado.

Nessas propostas, há novas perspectivas do sentido da vida para fomentar que seja realmente vida e não simplesmente industrialização e consumo para que as elites se enriqueçam com o trabalho e a liberdade dos mais pobres. A partir dessa problemática se faz imperativo desenvolver teorias e práticas alternativas à ordem estabelecida, levando em

⁷ Na Colômbia, ao analisar a realidade sociopolítica, pode-se ver como os presidentes foram governantes do espetáculo, os meios de comunicação social são sua ferramenta preferida, os conselhos comunais são um espetáculo pró voto. A pergunta é: onde estiveram os conselhos comunais para debater com as comunidades e com os camponeses o tratado de livre comércio? (Ex.: os telepresidentes Omar Rincón). Na Bolívia, Evo Morales concedeu refúgio a Edward Snowden (ex-agente da Agência de Segurança Nacional de Estados Unidos), mostrando que nossos países podem e devem tomar voz; além disso, sendo apoiado pela maioria dos governos da América Latina. Esses problemas refletem como os governos enchem os cidadãos de medos para que não protestem por problemas sociais que derivam de uma mentalidade globalizadora, capitalista e desenvolvimentista.

conta o que foi vivenciado e que é devastador tanto para o homem quanto para a natureza, já que valoriza o consumo e não o sujeito, as comunidades, o território ou o ambiente.

Essa proposta decolonial-bioética do Bem Viver também é uma base para repensar o sistema educativo, suas políticas e seus fins; com o objetivo de abrir espaços de encontro e debate para que desde a educação se valorizem as culturas ancestrais e seus conhecimentos, para abrir possibilidades a uma educação menos individualista que procure promover sentimentos de solidariedade e cooperação, nos quais é possível o reconhecimento do outro.

Finalmente, esses diálogos possibilitam colocar em uma nova posição e valorizar de uma maneira distinta o pensamento ancestral indígena e camponês, pois a partir desses pensamentos ancestrais, e principalmente, a partir de suas práticas emancipatórias, podemos reconhecer que, nestes tempos difíceis, são eles os que estão gerando movimentos contra hegemônicos e provocando novas mudanças sociais, não os trabalhadores, não os intelectuais, não os grupos sindicais.

Noções como as de “comunhão do homem com a natureza” (FARAH; VASAPOLLO, 2011, p. 21) ajudariam a repensar muitos dos problemas políticos e sociais que as culturas latino-americanas enfrentam na atualidade. Além disso, é muito importante observar como disciplinas que nasceram de contextos históricos distintos compartilham problemáticas e possibilitam diálogos e práticas, como é o caso da Bioética, do projeto decolonial e do Bem Viver, articulando possíveis soluções a problemas relacionados à natureza, à economia, à cultura, à liberdade, ao território, à comunidade e à vida a partir de sua complexidade.

REFERÊNCIAS

BOLIVIA. *Constitución política del Estado plurinacional de Bolivia*. Ministerio de la Presidencia. Asamblea constituyente de Bolivia, 2008.

CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Eds.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 79-91.

FARAH, I.; VASAPOLLO, L. *Vivir Bien ¿Paradigma no capitalista?* La Paz: Cides-Umsa, 2011.

FOUCAULT, M. *Vigilar y castigar*. Madrid: Siglo XXI, 1986.

HOTTOIS, G. ¿Qué es la bioética? *Cuadernos Latinoamericanos de Administración*, Universidad del Bosque, Bogotá, v. 3, n. 4, p. 99-100, enero/junio, 2007.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Ed.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2000.

WALSH, C. *Interculturalidad, Estado, Sociedad. Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Abya-Yala, 2009.